

A tatuagem como expressão do inconsciente: uma revisão integrativa à luz da psicanálise

Tattoo as an expression of the unconscious: a systematic review in the light of psychoanalysis

Gabriel Silva Guedes de Oliveira
Faculdade Pernambucana de Saúde
<https://orcid.org/0009-0000-4529-0628>

Lucas Cordeiro Santos
Faculdade Pernambucana de Saúde
<https://orcid.org/0009-0003-3998-999>

5

Projeto de Pesquisa elaborado para ser submetido como Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade Pernambucana de Saúde.

Linha de pesquisa: Psicanálise
Orientador: Melissa Neves Garcia

Recife
2025

Resumo

O presente estudo realiza uma revisão integrativa da literatura sobre as relações psicodinâmicas entre a prática da tatuagem e suas implicações para a subjetividade humana sob a perspectiva da psicanálise. A pesquisa explora como as tatuagens atuam simbolicamente na relação do sujeito com o Outro, refletindo desejos inconscientes, conflitos internos e aspectos da construção da identidade. O objetivo consiste em analisar, por meio de uma revisão integrativa, as principais contribuições da literatura acerca das implicações simbólicas das tatuagens na psicologia humana, especialmente quanto às dinâmicas inconscientes descritas pela psicanálise. O método consistiu em uma análise integrativa realizada nas bases de dados LILACS, BVS, PePSIC e SciELO, utilizando os descritores “tatuagem” e “psicanálise”, com seleção de artigos publicados nos últimos dez anos. Dos estudos encontrados, dez atenderam aos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos nesta revisão. Os resultados destacam que a tatuagem opera como meio de expressão inconsciente, simbolizando experiências traumáticas, desejos reprimidos, relações de luto e processos de subjetivação. Na discussão, abordaram-se os seguintes temas: o corpo como suporte simbólico, a relação com o olhar do Outro, a tatuagem e a compulsão à repetição, tatuagem e dor psíquica, erotismo e transgressão. Conclui-se que, apesar de seu crescente esvaziamento simbólico na contemporaneidade, as tatuagens permanecem importantes mediadoras psíquicas e sociais, refletindo conflitos e desejos inconscientes relevantes para a psicanálise, ainda que as bases de dados consultadas careçam de publicações mais recentes sobre o tema.

Palavras-chave: Tatuagem; Corpo; Psicanálise; Subjetividade; Simbolização.

Abstract

The present study conducts an integrative literature review on the psychodynamic relationships between tattooing and its implications for human subjectivity from a psychoanalytic perspective. The research explores how tattoos symbolically operate in the subject's relationship with the Other, reflecting unconscious desires, internal conflicts, and aspects of identity construction. The objective is to analyze, through an integrative review, the main contributions of the literature regarding the symbolic implications of tattoos in human psychology, particularly in relation to the unconscious dynamics described by psychoanalysis. The method consisted of an integrative analysis conducted in the LILACS, BVS, PePSIC, and SciELO databases, using the descriptors “tattoo” and “psychoanalysis,” with a selection of articles published in the last ten years. Of the studies found, ten met the inclusion and exclusion criteria established in this review. The results highlight that tattooing operates as a means of unconscious expression, symbolizing traumatic experiences, repressed desires, mourning processes, and subjectivation dynamics. The discussion addressed the following themes: the body as a symbolic support, the relationship with the gaze of the Other, tattooing and the compulsion to repeat, tattooing and psychic pain, eroticism, and transgression. It is concluded that, despite the growing symbolic dilution of tattoos in contemporary times, they remain important psychic and social mediators, reflecting unconscious conflicts and desires that are relevant to psychoanalysis—even though the databases consulted lack more recent publications on the topic.

Keywords: Tattoo; Body; Psychoanalysis; Subjectivity; Symbolization.

Resumen

El presente estudio realiza una revisión integradora de la literatura sobre las relaciones psicodinámicas entre la práctica del tatuaje y sus implicaciones para la subjetividad humana desde la perspectiva del psicoanálisis. La investigación explora cómo los tatuajes actúan simbólicamente en la relación del sujeto con el Otro, reflejando deseos inconscientes, conflictos internos y aspectos de la construcción de la identidad. El objetivo consiste en analizar, mediante una revisión integradora, las principales contribuciones de la literatura acerca de las implicaciones simbólicas de los tatuajes en la psicología humana, especialmente en lo que respecta a las dinámicas inconscientes descritas por el psicoanálisis. El método consistió en un análisis integrador realizado en las bases de datos LILACS, BVS, PePSIC y SciELO, utilizando los descriptores “tatuaje” y “psicoanálisis”, con la selección de artículos publicados en los últimos diez años. De los estudios encontrados, diez cumplieron con los criterios de inclusión y exclusión establecidos en esta revisión. Los resultados destacan que el tatuaje opera como medio de expresión inconsciente, simbolizando experiencias traumáticas, deseos reprimidos, relaciones de duelo y procesos de subjetivación. En la discusión, se abordaron los siguientes temas: el cuerpo como soporte simbólico, la relación con la mirada del Otro, el tatuaje y la compulsión a la repetición, el tatuaje y el dolor psíquico, el erotismo y la transgresión. Se concluye que, a pesar de su creciente vaciamiento simbólico en la contemporaneidad, los tatuajes siguen siendo importantes mediadores psíquicos y sociales, reflejando conflictos y deseos inconscientes relevantes para el psicoanálisis, aunque las bases de datos consultadas carecen de publicaciones más recientes sobre el tema.

Palabras clave: Tatuaje; Cuerpo; Psicoanálisis; Subjetividad; Simbolización.

INTRODUÇÃO

A tatuagem, outrora associada à marginalidade e transgressão, tornou-se um fenômeno amplamente difundido na contemporaneidade, atravessando diferentes contextos sociais e adquirindo novos significados. Se antes era vista como um símbolo de pertencimento a grupos específicos ou um rito de passagem, hoje a tatuagem é, para muitos, uma forma de expressão individual, marcada por motivações diversas, que vão desde razões estéticas até manifestações de identidade e experiências psíquicas profundas. Nesse sentido, compreender a tatuagem sob a ótica psicanalítica permite explorar sua relação com o inconsciente, a subjetividade e o desejo, investigando como essa prática se inscreve na constituição do sujeito e em sua dinâmica relacional com o Outro.

A tatuagem foi formalmente definida em 1777 como "uma marca ou figura permanente no corpo, feita pela inserção de pigmento sob a pele ou pela criação de cicatrizes" (Merriam-Webster, 2024). No entanto, essa prática possivelmente remonta aos primórdios do período Neolítico, quando as primeiras civilizações começaram a ornamentar cerâmicas, paredes de cavernas e outros objetos (Lima, 2020). Ao longo dos milênios, diferentes culturas adotaram a tatuagem e a escarificação não apenas como formas de embelezamento ou registro de realizações importantes, mas também como meios de evocar entidades espirituais que acreditavam habitar o mundo (Gell, 1993). Gell descreve a tatuagem como 'a exteriorização do interior e a interiorização do exterior', uma ponte que conecta o indivíduo não só ao divino, mas também à sociedade, ao passado e ao presente. Em diversas culturas, os deuses nunca eram representados com tatuagens, uma prática reservada aos humanos para rituais de proteção, fertilidade e devoção religiosa. Essa distinção ressaltava a diferença entre a realidade humana, que se desenrolava em uma dimensão distinta, e a divindade, que permanecia não mediada (Gell, 1993).

Durante o domínio greco-romano, as tatuagens passaram a ser utilizadas quase exclusivamente para fins de propriedade e punição, marcando criminosos, escravos e inimigos derrotados. Essas marcas serviam como sinais visíveis de sua condição inferior, reforçando a distinção entre a "alta cultura" civilizada e a "barbárie" dos povos vizinhos (Lima, 2020). Com o advento do Cristianismo, essa visão foi ainda mais enfatizada, promovendo a ideia de que o corpo humano foi feito à imagem de Deus e deveria permanecer inviolado, em oposição às práticas pagãs de mutilação corporal. Sob essa nova ótica, a tatuagem não era apenas uma marca de desonra social, mas também uma profanação do corpo sagrado. Na Idade Média, as tatuagens continuaram a ser vistas como marcas de desonra, frequentemente associadas a práticas ocultas e comportamentos desviantes. A tradição cristã de valorizar o corpo imaculado contribuiu para que as tatuagens fossem ligadas a práticas obscuras, muitas vezes conectadas ao diabo ou a rituais pagãos.

Após séculos de marginalização, as tatuagens ressurgiram com força nos movimentos culturais do século XX, particularmente entre os hippies e punks. Nesse contexto, as tatuagens eram vistas como um símbolo de contracultura e transformação pessoal, refletindo a rejeição das normas tradicionais da sociedade. Os punks, por exemplo, adotaram marcas corporais agressivas e provocativas como uma maneira de expressar a insatisfação com o Estado e outras formas de dominação. As tatuagens, juntamente com piercings e outras modificações corporais, eram usadas para expressar um desdém visceral pelas convenções sociais e para afirmar uma identidade marcada pelo niilismo e pela violência simbólica. No entanto, à medida que os movimentos hippie e punk perderam força, as tatuagens, que antes simbolizavam resistência e contracultura, começaram a ser reapropriadas como signos de moda e consumo, refletindo a capacidade da cultura dominante de domesticar e comercializar elementos originalmente subversivos (Cordeiro, 2020).

Na pós-modernidade, como afirmam autores como Debord (2007) e Agamben (2009), as tatuagens, antes carregadas de significados profundos e subversivos, passaram a ser esvaziadas de seus discursos originais, transformando-se em produtos de consumo e exibicionismo. O apelo pela singularidade, que outrora movia a rebeldia contra as normas sociais, foi absorvido pela lógica capitalista, em que a individualidade se dissolve na circularidade do consumo. Nesse contexto, as marcas corporais tornaram-se mais uma expressão do "lado Coca-Cola da vida", um simulacro sem substância, onde o significado é substituído pela imagem pura, desprovida de conteúdo (Agamben, 2009). No universo virtual das redes sociais e plataformas digitais, a exibição detalhada do cotidiano se tornou um imperativo, instigando os indivíduos a mostrar quem são por dentro, em um processo de contínua exposição e validação social. Essa tendência, exacerbada pela era da informática, reverbera na dimensão corporal, em que o corpo tatuado serve como suporte para divulgar, expor e registrar identidades moldadas para o consumo. Assim, convertidos em mercadorias visuais que reforçam a cultura do espetáculo e do valor de troca, os corpos tatuados refletem a profunda influência da lógica capitalista na subjetividade contemporânea, funcionando como uma tentativa de esconder a monotonia da existência com cores vibrantes (Debord, 2007).

Nossa pele, embora nos separe do mundo dos objetos e das pessoas, também nos conecta a eles. Sentimos como se "nossa pele fosse nossa," mas ela é constantemente vivida através de nossas interações e trocas. Como fronteira ou ponto de encontro entre o interno e o externo, e entre mãe e bebê, a pele ocupa uma posição privilegiada na estruturação inconsciente do "ser-em-um-corpo" do sujeito. Freud (1905/1976), em seus *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, enfatiza o papel privilegiado da pele em todas as fases do desenvolvimento psicosssexual, tanto por suas origens no ectoderma, quanto por sua posição na superfície do corpo: "A pele, que em certas partes do corpo se diferenciou em órgãos sensoriais ou se modificou em membrana mucosa, é, assim, a zona erógena por excelência" (p. 169). Essa percepção sublinha a capacidade da pele de alcançar uma forma de

satisfação libidinal e seu papel na disposição "polimorficamente perversa" dos seres humanos, elementos que podem ter sido explorados pelas primeiras "comunidades de tatuagem" de maneira inconsciente. Nesse sentido, Lacan (1998) observa que “a tatuagem certamente tem a função de ser para o Outro, de situar o sujeito nela, marcando seu lugar no campo das relações do grupo, entre cada indivíduo e todos os outros. E, ao mesmo tempo, obviamente tem uma função erótica, que todos aqueles que a abordaram na realidade perceberam” (p. 206).

A função erótica das tatuagens, conforme discutida por Lacan, transcende a mera dimensão física e visual da pele, entrelaçando-se com a ideia de transgressão que ainda persiste no imaginário de muitos tatuados. Embora, atualmente, a tatuagem seja raramente percebida como uma forma extrema de manipulação corporal, o sentimento de transgressão continua a desempenhar um papel significativo. Reisfeld (2005) relaciona essa transgressão diretamente com a sexualidade, destacando que, em uma era onde as concepções de gênero e a aparência corporal foram profundamente transformadas, e a exposição a cenas sexuais tornou-se comum através da televisão e da internet, a rebeldia expressa pelo corpo tatuado foi, em certa medida, neutralizada. No entanto, o impulso transgressor, intimamente ligado ao erotismo, precisou evoluir, buscando novas formas de expressão. Com o corpo nu perdendo seu impacto, novos estímulos, como a tatuagem, tornaram-se necessários para provocar uma resposta sensual. Assim, a fantasia transgressiva permanece viva, inseparável de uma aura de mistério ou enigma que os jovens tatuados buscam intencionalmente cultivar. Além disso, Reisfeld (2006) explora a conexão entre a dor compartilhada durante o processo de tatuagem e a formação de novas redes de vínculos, sugerindo que essas experiências podem atuar como defesas imitativas contra a vivência de uma identidade difusa, reforçando, dessa maneira, o papel social e erótico das tatuagens na construção de uma identidade diferenciada e marcada.

A tatuagem inscrita na pele atua como um símbolo visual ou um significante destinado a comunicar algo a alguém, ou a todos. O conceito de “olhar”, conforme descrito por Sartre (1993), permite ao sujeito perceber que o Outro também é um sujeito: “Minha conexão fundamental com o Outro-como-sujeito deve ser capaz de ser referida à minha possibilidade permanente de ser visto pelo Outro” (p. 256). Isso esclarece que, quando o sujeito é capturado pelo olhar do Outro, ele pode sentir vergonha por causa dessa percepção. Essas ideias elucidam como as tatuagens podem funcionar tanto como uma afronta quanto como uma defesa em relação ao olhar direcionado pelo Outro. Por exemplo, ao criar uma aparência “agressiva”, “intimidadora” ou até “auto-mutilada”, o sujeito pode estar canalizando o olhar do Outro para um conflito interno específico. Alternativamente, o sujeito pode buscar uma relação particular com esse olhar como forma de se proteger da ansiedade de “não saber” como é percebido, tentando, assim, responder à questão enigmática que foi colocada. Em ambas as posturas, acredita-se que, ao provocar uma reação ou um

afeto distinto no Outro, o sujeito pode exercer algum controle sobre como é percebido e, conseqüentemente, tratado. Essencial para essa dinâmica é a busca por uma separação do Outro, uma tentativa de romper com a identificação com o desejo alheio e a afirmação da diferença, marcando-se como “diferente” dos demais.

Apesar da evolução histórica e cultural das tatuagens, a prática continua sendo um campo fértil para a exploração da subjetividade humana. Na pós-modernidade, contudo, a tatuagem, antes carregada de significados simbólicos profundos, encontra-se tensionada entre sua função originária e sua crescente apropriação como produto de consumo. Nesse contexto, emergem questões relevantes para a psicanálise: de que modo as tatuagens participam da construção da identidade em uma era em que a imagem se sobrepõe ao significado? Como o desejo de singularidade e a necessidade de pertencimento se articulam por meio das marcas corporais em um cenário de hiperexposição e mercantilização do corpo?

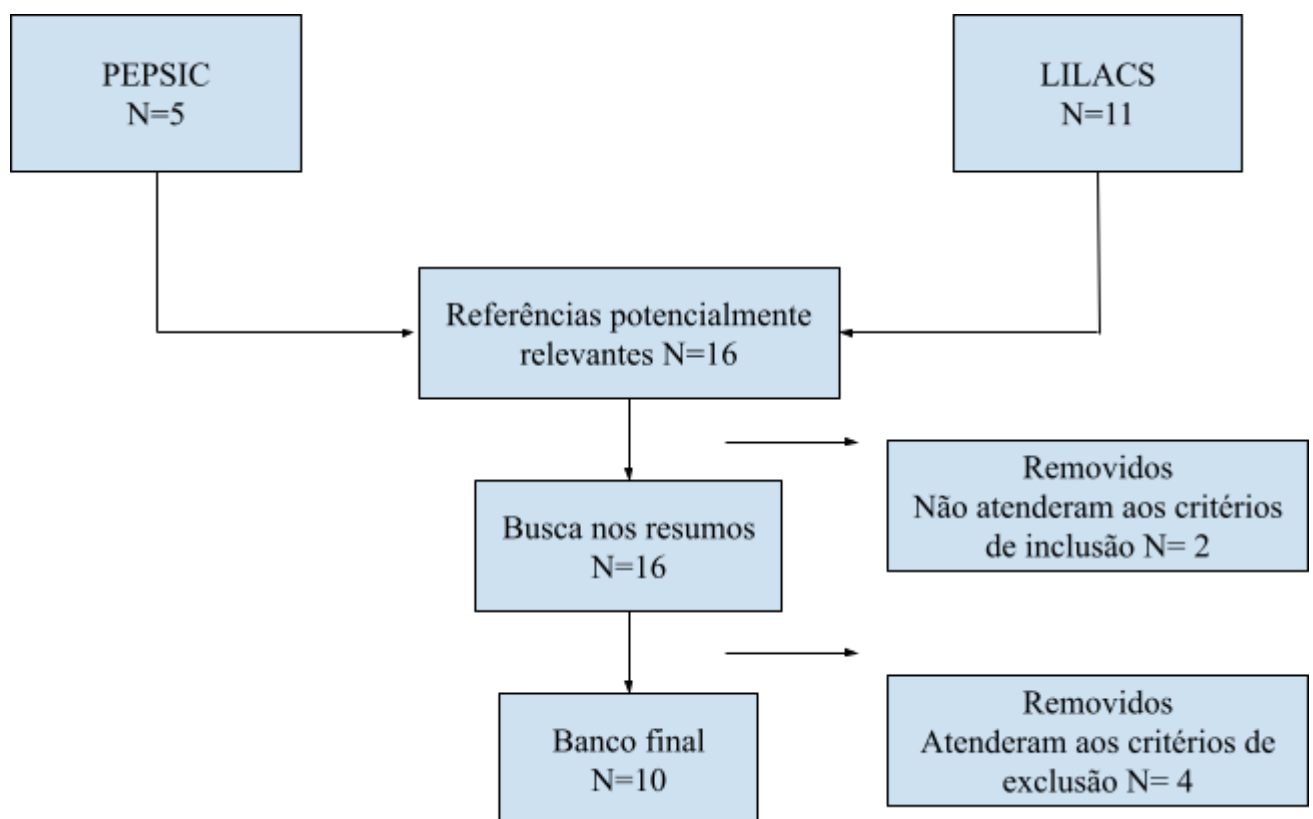
Diante do crescente interesse social pelas interfaces entre corpo, subjetividade e cultura, o presente trabalho teve como objetivo realizar uma revisão integrativa da literatura que investiga como os estudos têm abordado a relação entre a prática da tatuagem e os processos inconscientes, analisando como esses trabalhos discutem o modo pelo qual essa marca corporal pode operar simbolicamente na constituição da subjetividade e na dinâmica relacional do sujeito com o Outro, à luz dos conceitos psicanalíticos. A proposta é oferecer um panorama crítico sobre como essa temática vem sendo teorizada, ultrapassando perspectivas meramente estéticas ou socialmente normativas, e destacando as implicações psíquicas e culturais debatidas na contemporaneidade.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adota a revisão integrativa da literatura como método principal, com o objetivo de compreender os diferentes significados atribuídos à tatuagem, considerando suas implicações culturais, simbólicas e psicológicas sob a perspectiva da psicanálise. A revisão integrativa permite reunir, analisar e sintetizar resultados de pesquisas teóricas e empíricas sobre um determinado tema, abrangendo uma gama mais ampla de tipos de estudo e possibilitando uma reflexão crítica sobre o estado atual do conhecimento (Sampaio & Mancini, 2007). Segundo Galvão, Sawada e Trevizan (2004), esse tipo de revisão possibilita integrar resultados de diferentes abordagens metodológicas, fornecendo subsídios para a prática profissional e para o desenvolvimento teórico. As bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Rede Latino-Americana de Periódicos de Psicologia (PePSIC) e SciELO foram selecionadas para a coleta dos artigos, utilizando combinações dos termos “tatuagem” e “psicanálise”, com o operador booleano “AND”. Os critérios de inclusão definidos foram: artigos em português, publicados nos últimos dez anos, que utilizassem abordagens teóricas ou empíricas que relacionassem aspectos psicanalíticos, culturais,

subjetivos ou simbólicos à tatuagem; estudos com acesso completo e gratuito; publicações revisadas por pares em periódicos científicos relevantes para a área; e delimitação temporal para assegurar a atualidade e relevância do contexto investigado. Os critérios de exclusão incluíram: estudos com foco exclusivamente biomédico ou técnico, sem análise simbólica ou psicológica; teses, dissertações e textos não publicados como artigo científico; trabalhos quantitativos sem interpretação teórica significativa; textos com ausência de clareza metodológica; revisões que não agregassem novas contribuições ao campo e artigos duplicados provenientes de diferentes bases de dados. A seleção dos artigos foi realizada em etapas. Primeiramente, analisaram-se os títulos e resumos. Em seguida, procedeu-se à leitura flutuante dos textos para garantir que atendiam aos critérios estabelecidos e contribuíam para a análise teórica do tema. Ao todo, foram incluídos dez artigos, sendo oito provenientes da base PePSIC e dois da LILACS. Não foram encontrados artigos elegíveis nas bases SciELO e BVS.

Fluxograma de Busca



RESULTADOS

Nesta revisão de literatura, analisamos dez estudos que investigam o fenômeno complexo da tatuagem, abordando suas dimensões psicanalíticas, culturais e estéticas. A análise integra as contribuições teóricas e empíricas desses trabalhos, proporcionando um olhar multifacetado das interações entre o corpo, a subjetividade e as dinâmicas culturais contemporâneas. A Tabela 1 apresenta os artigos selecionados e analisados neste trabalho:

TABELA 1

Autores/ Ano	Título do trabalho	Metodologia	Resultados dos Estudos	Base de Dados
Meilman L. 2015	Mensagens codificadas no corpo: é possível decifrar?	Revisão histórica e análise teórica de práticas corporais na cultura ocidental.	O estudo aborda tatuagens e piercings como sintomas ligados ao narcisismo e à relação com o olhar do outro. As intervenções corporais são vistas como forma de comunicação inconsciente e tentativa de controle sobre a própria imagem. A dor implicada nas modificações corporais também é compreendida como veículo de gozo e afirmação da existência.	PEPSIC
Alvarez L.E., Castro L.G., Lasky C. 2016	Tatuagens. A pele como tela de expressão cultural.	Análise cultural e psicanalítica das tatuagens como manifestações do inconsciente.	As autoras propõem a tatuagem como via régia ao inconsciente, comparável à função dos sonhos. A pele tatuada é entendida como tela de projeção do mundo psíquico, onde conteúdos inconscientes se manifestam por mecanismos como deslocamento e condensação. A tatuagem é interpretada como expressão coletiva e cultural da subjetividade contemporânea.	PEPSIC
Frayze-Per eira J. 2016	Corpo como obra de arte: tatuagem, clínica e crítica.	Estudo teórico e revisão de literatura com base em reflexões estéticas e psicanalíticas.	A tatuagem é discutida como forma de simbolização inserida na cultura e também na clínica psicanalítica. Associando o fenômeno à body art e à crítica social, o autor entende o corpo tatuado como suporte de expressão política e subjetiva, tensionando normas e revelando angústias. A tatuagem, assim, pode ser analisada como obra de arte e como sintoma cultural.	PEPSIC
Macedo S., Paravidini J.L.L., Próchno C.C.S.C. 2014	Corpo e Marca: Tatuagem como Forma de Subjetivação.	Abordagem psicanalítica, fundamentada em Freud e Lacan, sobre o corpo e cultura de consumo.	O artigo investiga a tatuagem como uma tentativa de reordenar simbolicamente a relação do sujeito com seu corpo, em uma sociedade marcada pelo consumo e pela fetichização do corpo. A tatuagem funciona como defesa contra angústias do sujeito pós-moderno, surgindo como ato de subjetivação frente à fragmentação do eu e à lógica capitalista que reduz o corpo à imagem.	PEPSIC

Pinho M.X., Rosa M.D. 2014	Luto em Versão Contemporânea: As Tatuagens Memoriais.	Discussão baseada em relatos clínicos e análises de práticas culturais contemporâneas.	As tatuagens memoriais são analisadas como novos rituais de luto na contemporaneidade, em resposta à privatização da morte e à supressão dos ritos tradicionais. A tatuagem atua como marca simbólica da perda e forma de expressão do sofrimento, reconfigurando o espaço público do luto e convocando o olhar do outro para a memória inscrita no corpo.	PEPSIC
Pereira M.B.J., Rabinovich E.P. 2020	Corpos tatuados: desejo de memória em completude.	Pesquisa qualitativa baseada em narrativas de adultos e idosos tatuados em Salvador e São Paulo.	A partir de narrativas de adultos e idosos, o estudo revela que a tatuagem se tornou uma forma de expressão pessoal marcada por metamorfoses, liberdade e desejo de memória. O corpo é concebido como arquivo vivo, sendo a tatuagem uma tentativa de reinscrever o sujeito no mundo por meio de marcas afetivas e simbólicas. O corpo tatuado emerge como linguagem de resistência e de construção identitária, em resposta às exigências normativas do corpo jovem, produtivo e saudável na contemporaneidade.	LILACS
Macedo S., Paravidini J.L.L. 2015	O ato de tatuar-se: gozo e identificação.	Análise teórica fundamentada em Freud e Lacan, abordando registros simbólico, imaginário e real.	A tatuagem é interpretada como linguagem psíquica situada entre os registros simbólico, imaginário e real. Pode funcionar como tentativa de dar contorno a angústias inomináveis e como inscrição de gozo na carne. A prática aparece como uma resposta singular do sujeito diante de experiências de desintegração, sendo uma forma de marcar limites do eu e de buscar identidade. O estudo valoriza a tatuagem como escrita do inconsciente.	PEPSIC

Rodrigues A.A., Caniato A.M.P. 2014	Rupturas, experiências de choque e o elogio à crua e nua realidade: prenúncios do trauma no fenômeno das BodyModifications.	Pesquisa qualitativa-interpretativa de práticas culturais contemporâneas e sua conexão com a psicanálise.	As práticas de bodymodification são compreendidas como manifestações traumáticas ligadas à pulsão de morte e compulsão à repetição. Os sujeitos buscam, através da dor e da modificação corporal extrema, lidar com um excesso pulsional e com o mal-estar da cultura. A tatuagem, nesse contexto, pode operar como tentativa de dar sentido ao sofrimento, funcionando como inscrição psíquica de experiências traumáticas não simbolizadas.	LILACS
Oliveira R. 2016	Tatuadores, tatuados: pesquisa e reflexão estética.	Estudo empírico com observação participante em estúdios de tatuagem e entrevistas com tatuadores.	O estudo destaca a tatuagem como prática estética complexa, que vai além da aparência e envolve processos simbólicos, afetivos e sociais. A escuta dos próprios tatuadores revela a tatuagem como expressão artística situada no cotidiano, marcada por estilos, narrativas e interações com os clientes. Aponta-se para uma poética da tatuagem que combina técnica, sensibilidade e vínculo social.	PEPSIC
Ulnik J.C. 2016	Tatuagem, linguagem artística e doença psicossomática.	Revisão teórica sobre representação do corpo, utilizando conceitos psicanalíticos e artísticos.	O autor analisa a tatuagem como manifestação da relação entre soma e psique, compreendendo-a como uma forma artística capaz de representar simbolicamente processos inconscientes. A tatuagem aparece como tentativa de estabilizar a imagem corporal e projetar subjetividades em crise. Sugere-se que a pele funciona como superfície de inscrição de conteúdos inconscientes, possibilitando elaboração psíquica por meio da arte no corpo.	PEPSIC

Inicialmente, Pereira e Rabinovich (2020) exploram as vivências e os significados das tatuagens em adultos e idosos, propondo a concepção do corpo tatuado como um "corpo-arquivo", onde memórias e experiências são permanentemente inscritas. Este estudo qualitativo, baseado em narrativas de indivíduos tatuados em Salvador e São Paulo, destaca a tatuagem como uma

ferramenta de subjetivação, permitindo a preservação e expressão de histórias pessoais, laços afetivos e superações. Nesse mesmo sentido, Macedo e Paravidini (2015) desenvolvem a ideia de que a tatuagem é um “hibridismo entre traço e letra”, aproximando-se das formações do inconsciente e, com base em Freud e Lacan, argumentam que ela constitui uma linguagem simbólica inscrita na pele, capaz de revelar conteúdos recalcados e formações pulsionais. Em Lacan, o traço designa o signo unário que evidencia a presença de um significante vindo do Outro, enquanto a letra carrega o gozo, ou seja, um excedente pulsional que escapa à simbolização. Assim, a tatuagem encarna esse duplo movimento: ao inscrever na pele um traço, denuncia a apropriação do corpo pelo sujeito e sua ligação com o Outro; ao introduzir a letra, torna manifesto o gozo do Real, algo que não se traduz em sentido, apenas se translitera na carne. Também nessa perspectiva, Alvarez, Castro e Lasky (2016) definem a tatuagem como uma “pele narrativa” que carrega experiências subjetivas e inscrições simbólicas; o artigo demonstra que, ao analisar as transformações cutâneas, podem-se acessar conteúdos inconscientes recalcados, estruturados pelos mecanismos de deslocamento e condensação (metonímia e metáfora). Desse modo, a tatuagem fixa conflitos internos e memórias traumáticas em um signo visual permanente e opaco, convertendo a renúncia e a dor da intimidade em um objeto que testemunha o sofrimento sem depender de decodificação verbal.

Transversalmente, Rodrigues e Caniato (2014) investigam a tatuagem como expressão contemporânea do trauma e da compulsão à repetição, articulando a prática das Body Modifications com experiências de choque e rupturas psíquicas. Com uma abordagem qualitativa-interpretativa, o estudo sugere que a tatuagem atua como um mecanismo de resistência e ressignificação do corpo frente a contextos opressivos. Em consonância com o exposto, Ulnik (2016) amplia essa discussão ao relacionar a tatuagem com processos psicossomáticos, propondo que as marcas corporais funcionam como vias de descarga ou estabilização simbólica para conflitos intrapsíquicos. Em sua revisão teórica, Ulnik utiliza conceitos psicanalíticos e plásticos para descrever a interseção entre corpo, mente e sociedade na construção da identidade.

Frayze-Pereira (2016) também posiciona a tatuagem como uma forma de expressão simbólica e uma extensão do corpo no campo da arte, ressaltando sua capacidade de articular significados profundos que dialogam com experiências subjetivas e o contexto sociocultural. Em seu estudo teórico, Frayze-Pereira explora a tatuagem não apenas como uma intervenção estética, mas também como uma forma de resistência e criação simbólica nos espaços públicos e privados. Adicionalmente, Macedo, Paravidini e Próchno (2014) discutem as tatuagens como uma tentativa de bordejar as angústias do sujeito pós-moderno, permitindo a construção da singularidade em um contexto de padronização e mercantilização do corpo. Com uma abordagem psicanalítica fundamentada em Freud e Lacan, os autores analisam a tatuagem como um ato de subjetivação que possibilita ao indivíduo resistir às pressões de conformidade social e comercial.

Adicionalmente, Macedo, Paravidini e Próchno (2014), em estudo teórico com base psicanalítica fundamentada em Freud e Lacan, discutem as tatuagens como uma tentativa de borderjar as angústias do sujeito pós-moderno, permitindo a construção da singularidade em um contexto de padronização e mercantilização do corpo. Para esta revisão integrativa, os achados conceituais do artigo foram interpretados à luz dos critérios simbólicos e subjetivos definidos nos objetivos do presente trabalho, inserindo suas contribuições como parte da análise teórica das dimensões inconscientes associadas à tatuagem.

Especificamente no âmbito do luto e da memória, Pinho e Rosa (2014) apresentam as tatuagens memoriais como uma reinvenção dos rituais fúnebres nas sociedades contemporâneas, desempenhando a dupla função de individualizar e coletivizar a experiência de perda. Utilizando relatos clínicos e análises de práticas culturais contemporâneas, os autores evidenciam como a tatuagem se torna um suporte simbólico que permite ao sujeito enlutado inscrever seu pesar de maneira tangível e compartilhável, em um contexto onde os rituais tradicionais de luto estão sendo progressivamente suprimidos. Corroborando tais argumentos, Meilman (2015) amplia a discussão ao associar as tatuagens ao olhar do outro e ao narcisismo, destacando-as como mensagens codificadas que demandam reconhecimento e validação social. Através de uma revisão histórica e análise teórica de práticas corporais na cultura ocidental, Meilman enfatiza que as intervenções corporais, incluindo as tatuagens, operam como fenômenos de comunicação visual que articulam prazer, dor e o desejo de singularização em um mundo cada vez mais visual e performático.

Por fim, Oliveira (2016) integra a perspectiva psicanalítica com a reflexão estética sobre a tatuagem urbana, destacando a tatuagem como um processo intersubjetivo que articula valores individuais, coletivos e estéticos. Em seu estudo empírico, realizado por meio de observação participante em estúdios de tatuagem e entrevistas com tatuadores, Oliveira argumenta que a tatuagem funciona como um ritual que conecta a interioridade do indivíduo com sua expressão externa através da pele. Ele critica abordagens psicanalíticas tradicionais por sua tendência a generalizar e descontextualizar teorias, propondo uma compreensão da tatuagem como uma linguagem específica que dialoga com a filosofia contemporânea, especialmente com as ideias de Merleau-Ponty sobre a indissociabilidade do sensível e do simbólico.

DISCUSSÃO

A relação entre tatuagens e saúde mental tem sido objeto de estudo há várias décadas. Historicamente, “considerou-se que indivíduos tatuados são mais propensos ao uso de álcool, cigarro e outras substâncias psicoativas, comportamento violento, violações de trânsito, propensão a terem sido presos, criminalidade, impulsividade, dentre outros” (Schösser et al., 2019). No entanto, estudos recentes têm desmistificado essa visão, sugerindo que pessoas com tatuagens não apresentam maior suscetibilidade a comportamentos de risco em comparação àquelas sem

modificações corporais.

A tatuagem é atualmente compreendida como uma forma de expressão pessoal que se incorporou ao cotidiano médico, especialmente no âmbito da Estratégia de Saúde da Família. Segundo Frauzino et al. (2024), "na perspectiva da avaliação médica, é fundamental que os profissionais tenham um adequado entendimento da Antropologia da Saúde, com relação às tatuagens." Entender a tatuagem como uma forma de arte corporal, com raízes em tradições culturais ancestrais, é essencial, visto que essa prática passou a ser frequentemente abordada em consultas clínicas. Estudos indicam que as tatuagens podem estar associadas tanto a transtornos alimentares, depressão e comportamentos autolesivos, quanto a comportamentos de resiliência. A tatuagem de ponto e vírgula, por exemplo, tem se tornado um importante símbolo de enfrentamento de questões relacionadas à saúde mental (Situmorang et al., 2023), sobretudo o combate ao suicídio. Desse modo, faz-se relevante retomar as elaborações psicanalíticas que iluminam a interação entre corpo, desejo e inscrição simbólica.

Em *O Ego e o Id* (1976), Freud apresenta o Eu (Ego) como uma construção profundamente ligada à corporalidade, afirmando que "O Eu é sobretudo corporal, não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície" (Freud, 1976). Essa perspectiva sugere que o corpo, com sua pele e sensações, funciona como um espaço onde se inscrevem tanto as interpretações internas quanto as percepções externas, de forma análoga à tatuagem, que deixa marcas permanentes e visíveis. Além disso, ele destaca que "Também a dor parece ter nisso um papel, e o modo como adquirimos um novo conhecimento de nossos órgãos, nas doenças dolorosas, é talvez um modelo para a forma como chegamos à ideia de nosso corpo" (Freud, 1976), ressaltando como o sofrimento molda a percepção da corporalidade. Sob essa perspectiva, a dor física da tatuagem pode atuar como um mecanismo consciente de reinscrição da fronteira do Eu, permitindo ao sujeito ressignificar seu corpo como objeto perceptivo, delimitado pela experiência sensorial aguda.

Além disso, a tatuagem pode ser analisada por meio do conceito freudiano de compulsão à repetição, entendida como um impulso inconsciente que leva o sujeito a reviver experiências desagradáveis ou desejos censurados, mesmo quando aparentemente contraditórios ao princípio do prazer. Freud aponta que essa compulsão ultrapassa até mesmo a censura da consciência: "Tive que atribuir-lhes, na forma de uma 'compulsão à repetição', um impulso extraordinariamente forte, capaz de superar a repressão que — a serviço do princípio do prazer — pesa sobre elas" (Freud, 1976). Em *Além do Princípio do Prazer* (2016), Freud vincula essa compulsão à pulsão de morte, pois esta impele o aparelho psíquico a buscar a redução de tensão não pela descarga libidinal, mas por meio da regressão a um estado de inatividade anterior à vida orgânica. Nessa lógica, a pulsão de morte manifesta-se como uma energia autônoma que ataca o aparelho psíquico, paralisando o eu e orientando-o ao anseio de cessar o próprio desejo; assim, ela se impõe por meio da repetição de

conteúdos recalcados que, em condições normais, seriam elaborados e simbolizados. Por conseguinte, a tatuagem também poderia funcionar como manifestação externa dessa pulsão-compulsão, tornando visível, por meio da inscrição simbólica no corpo, aquilo que internamente permanece inconsciente. Essa compreensão freudiana lança luz sobre o modo como o ato de tatuar-se pode remeter à tentativa de lidar com conteúdos que insistem em retornar, mesmo sem a clara percepção consciente de seu sentido.

Adicionalmente, no seu *Seminário II* (1986), Lacan explora a relação entre tatuagem, percepção, consciência e subjetividade por meio do conceito de "ver-me vendo-me", sugerindo uma divisão interna no sujeito e destacando a centralidade do olhar na estrutura do desejo e da subjetivação. Lacan utiliza o exemplo da anamorfose, técnica artística em que uma imagem distorcida é vista claramente apenas sob certa perspectiva, para ilustrar a complexidade do olhar, afirmando que este atua como uma armadilha que desafia e ultrapassa a visão consciente. Em determinado momento, Lacan compara diretamente a anamorfose à experiência da tatuagem: "Imaginem uma tatuagem traçada sobre o órgão sexual ad hoc em estado de repouso e assumindo sua forma, por assim dizer, desenvolvida em outro estado." (Lacan, 1986). Lacan mostra como a imagem inscrita no corpo pode se transformar radicalmente de acordo com o ângulo ou contexto em que é percebida, evidenciando a força do olhar nas dinâmicas de desejo.

A implicação dessa reflexão de Lacan para a tatuagem reside especialmente na noção de que a tatuagem é uma forma de representação subjetiva que carrega em si uma dualidade: ela não apenas marca o corpo, mas também representa simbolicamente algo do desejo inconsciente do sujeito. A analogia de Lacan, ao mencionar a tatuagem traçada sobre o órgão sexual, ressalta que a tatuagem, assim como a anamorfose, não é apenas uma imagem estática; pelo contrário, ela é uma representação dinâmica, que ganha ou altera significados conforme o contexto, o olhar e o estado psíquico ou corporal de quem a porta. Ao tatuar-se, o sujeito fixa simbolicamente uma representação sobre seu corpo que, embora consciente em sua execução, porta algo inconsciente e oculto em sua significação última, algo que escapa ao olhar imediato, algo anamórfico. A tatuagem torna-se um ponto de captura do olhar, um "objeto olhar" que ao mesmo tempo revela e esconde aspectos do desejo inconsciente. Ela atrai o olhar do Outro, funcionando como uma tela que recebe projeções que o sujeito, em parte, desconhece conscientemente.

Esse "Outro", em Lacan, é o lugar simbólico que precede e estrutura o sujeito: engloba a linguagem, a lei e o conjunto de normas e valores culturais que conferem sentido à ordem simbólica em que o sujeito está inserido. É nele que se inscrevem as expectativas sociais, os códigos estéticos e morais e também o olhar normativo que avalia e atribui significado às mensagens corporais. Em vista disso, o sujeito não se tatua apenas para expressar algo interno, mas para posicionar essa inscrição diante do Outro: ao revelar esse desenho sobre a pele, ele oferece um enunciado simbólico que aguarda ser lido, julgado ou reconhecido.

Nesse sentido, a tatuagem é também uma tentativa de controle simbólico, um modo de o sujeito representar seu desejo, sua história ou sua identidade através de uma marca permanente. Mas assim como o "olhar" descrito por Lacan sempre escapa quando tentamos fixá-lo, também a tatuagem revela um limite: por mais que seja escolhida conscientemente, o que ela realmente mostra é sempre algo mais complexo e menos controlável do que o sujeito imagina, uma espécie de representação do sujeito cindido, dividido entre o que se vê e o que é visto, entre o que escolhe mostrar e aquilo que permanece oculto.

Nesse panorama, outras reflexões contemporâneas, dentre as quais se inclui a de Byung-Chul Han (2021), oferecem subsídios teóricos para aprofundar a análise das dimensões socioculturais do ato de tatuar-se. Han destaca que a sociedade contemporânea sofre de um déficit de "fechamento", isto é, carece de rituais que demarquem transições e confirmem solidez à experiência humana. Ao valorizar continuamente a produção e a autenticidade, o contexto neoliberal tende a suprimir os espaços de contemplação coletiva, tornando práticas como o luto progressivamente individuais e mercantilizadas. Assim, embora as tatuagens memoriais possam funcionar como suporte simbólico para expressar a dor e "fechar" simbolicamente o ciclo de perda, elas também ilustram o movimento em direção a uma "autoexploração isolada". Ou seja, a inscrição na pele, antes carregada de sentidos comunitários, hoje se concentra em reafirmar a autenticidade pessoal em detrimento de referenciais coletivos que tradicionalmente caracterizavam os rituais fúnebres, o que acaba por fragilizar os laços sociais e agravar a sensação de incompletude e de não-tempo que permeia a vida contemporânea. Essa análise introduz uma perspectiva crítica que se relaciona diretamente com a forma como o corpo e o gozo são transformados em bens de consumo na atualidade.

Outrossim, Charles Melman, em *O Homem sem Gravidade* (2003), analisa a transformação da sociedade contemporânea, afirmando que "saímos da economia organizada pelo recalque para uma economia organizada pela exibição do gozo" (Melman, 2003). Nesse contexto, o objeto de desejo não é mais obscurecido; pelo contrário, há uma busca incessante por satisfação imediata, sem espaço para a frustração ou para a ausência que tradicionalmente o alimentava. Melman observa que transitamos de uma cultura que favorecia a neurose para uma que incentiva a perversão. A tatuagem, nesse cenário, pode ser vista como uma manifestação dessa dinâmica, em que o corpo se torna uma tela que reflete a necessidade contemporânea de materializar o exibicionismo e apelar constantemente ao olhar do Outro.

Para situar a análise de Melman, é preciso elucidar os conceitos lacanianos de gozo e de desejo, pois é por meio deles que Melman articula essa nova configuração do sujeito contemporâneo. O desejo em Lacan corresponde à dinâmica do sujeito inscrito na cadeia significante, sempre orientado por uma falta constitutiva (objeto a) e exposto à castração simbólica, de modo que jamais se satisfaz plenamente. Em contrapartida, o gozo designa o encontro com o

Real, um excesso pulsional que escapa à simbolização e reúne simultaneamente prazer e sofrimento, como destacado por Ragland (2023) ao afirmar que “[...] o gozo só é conhecido na medida em que intersecta com a linguagem e o corpo [...] para significar tanto agonia quanto êxtase, sofrimento e alegria”. Em outras palavras, enquanto o sujeito permanece na dinâmica do desejo, movendo-se em torno dessa falta que nunca se completa, o gozo insiste como sobra irredutível, um excedente que, ao se mostrar, revela o limite: ninguém encontra satisfação plena se busca alcançar diretamente o gozo.

Complementando essa perspectiva, podemos retomar o conceito de estágio do espelho para explicar como se forma o corpo imaginário, no qual a dinâmica especular cria uma projeção de unidade que condensa o corpo numa superfície passível de inscrição. Em Lacan, a partir dos seis meses, o bebê enxerga no espelho uma imagem coesa de si mesmo, inaugurando o registro Imaginário, onde se constitui um eu idealizado. Logo depois, ao ingressar no registro Simbólico por meio do Outro, o sujeito assimila a castração que dilacera essa ilusão de totalidade. O Real, por sua vez, revela-se nas fissuras e sensações corporais que escapam a qualquer simbolização. Dessa forma, a imagem corporal surge da interação constante entre Imaginário, Simbólico e Real, o que explica por que o corpo vivido jamais se confunde completamente com o corpo idealizado (Ragland, 2023). Portanto, a leitura de Melman funda-se na tradição lacaniana ao evidenciar que, mesmo na cultura do exibicionismo, o sujeito permanece alienado à falta fundamental, pois o gozo real nunca se concretiza; ele apenas se reproduz como performance contínua que reafirma essa impossibilidade inerente ao Real.

Paralelamente, em *O Olho e o Espírito* (2004), Merleau-Ponty apresenta sua crítica ao racionalismo cartesiano, que separa o sujeito do objeto e privilegia a razão em detrimento da sensibilidade. Merleau-Ponty propõe uma ontologia que valoriza a experiência sensível e a percepção como formas legítimas de conhecimento, reconhecendo o corpo como mediador essencial nessa relação. Ao marcar o corpo, o sujeito não apenas grava um símbolo sobre sua pele, mas promove uma transubstanciação sensível e simbólica que implica diretamente sua relação com o mundo. Como Merleau-Ponty afirma, "Emprestando seu corpo ao mundo é que o pintor transforma o mundo em pintura" (Merleau-Ponty, 2004); da mesma forma, o indivíduo que se tatua empresta seu corpo ao símbolo, incorporando sentidos e estabelecendo uma comunicação profunda entre o visível (o corpo) e o invisível (o significado). A tatuagem, assim como a pintura descrita por Merleau-Ponty, não é simples representação visual, mas habitação simbólica do corpo no mundo, revelando que "as coisas e meu corpo são feitos do mesmo estofado" (Merleau-Ponty, 2004). Nessa perspectiva, o corpo não é um mero suporte, mas parte constitutiva do próprio ato de ver e existir.

Adicionalmente, a noção de sociedade do espetáculo, proposta por Guy Debord (2007), contribui para entender como a tatuagem, antes expressão singular do desejo inconsciente e de experiências subjetivas, é progressivamente capturada pelo circuito da imagem e do consumo. Para

Debord, vivemos em um mundo em que “tudo o que era vivido diretamente se afastou numa representação” (p. 13), o que implica uma substituição da experiência autêntica por sua exibição espetacular. A tatuagem, nesse cenário, torna-se mais um signo a ser mostrado, fotografado e circulado nas redes sociais, perdendo sua função simbólica originária em favor de uma lógica de visibilidade. Se antes tatuar-se era um gesto de inscrição do desejo no corpo, hoje esse desejo é muitas vezes intermediado pela expectativa de exposição e validação pública. A inscrição inconsciente dá lugar ao gerenciamento da aparência, e o corpo torna-se palco daquilo que Debord nomeia como “o capital a tal ponto acumulado que se torna imagem”. Tal dinâmica agrava o deslocamento do sujeito em relação a si mesmo, promovendo não apenas uma alienação do olhar, mas uma alienação do próprio desejo, que se vê subordinado à lógica do espetáculo.

Por fim, no texto *A mente e sua relação com o psique-soma* (1978), Winnicott aprofunda ainda mais essa relação ao propor que o desenvolvimento saudável depende diretamente da integração psicossomática. O autor considera que a mente é uma modalidade especial derivada da relação satisfatória entre psique e soma, e que a verdadeira corporeidade emerge quando há uma vivência real e habitada do corpo, promovendo um sentido genuíno de existência. Ao marcar a pele — essa fronteira visível entre interioridade e exterioridade — a tatuagem pode ser compreendida como uma expressão corporal dessa integração psicossomática, pois permite ao indivíduo demarcar no próprio corpo, de forma consciente e íntima, sua continuidade existencial e sua corporeidade singular. Assim, ao modificar a pele como manifestação visível da identidade e da história pessoal, a tatuagem contribui para a sensação de existir corporalmente no mundo, intensificando a vivência psicossomática e promovendo a conquista da personalização autêntica. Tal abordagem põe em relevo a dimensão experiencial do corpo, na qual cada inscrição pode adquirir valor terapêutico ou integrador.

Apesar das contribuições significativas delineadas pelos estudos analisados, a literatura sobre tatuagem ainda apresenta lacunas substanciais que demandam atenção futura. Primeiramente, observa-se uma escassez de pesquisas publicadas nos últimos anos nas bases de dados consultadas, o que limita a compreensão das dinâmicas contemporâneas e das evoluções recentes sobre o tema. Além disso, a maioria dos trabalhos adota abordagens qualitativas, indicando uma necessidade premente de estudos quantitativos que possam oferecer dados estatísticos robustos e generalizáveis sobre os fenômenos investigados. Ademais, há uma carência de artigos e análises comparativas que considerem diferentes contextos culturais e geográficos, o que restringe a aplicação universal das conclusões obtidas. Por fim, a interseção entre tatuagem e tecnologias emergentes permanece subinvestigada, abrindo espaço para investigações futuras que integrem aspectos tecnológicos às dimensões psicossociais e culturais já delineadas. Desse modo, entende-se que o estudo da tatuagem e suas relações com a Psicanálise e a saúde mental requer tanto aprofundamentos teóricos quanto abordagens empíricas mais amplas, capazes de abarcar a complexidade do fenômeno em

diferentes tempos e culturas.

CONCLUSÃO

A partir dos estudos analisados, é possível perceber que a tatuagem oferece à clínica psicanalítica um campo privilegiado de intervenção, pois permite ao sujeito revelar narrativas corporais que muitas vezes permanecem inacessíveis à fala. Ao inscrever símbolos e memórias na pele, o indivíduo constrói um ponto de ancoragem identitário capaz de promover a ressignificação de experiências traumáticas, fortalecer recursos de enfrentamento e favorecer a emergência de insights sobre conteúdos inconscientes. Nesse sentido, o psicólogo pode recorrer ao processo de tatuagem, desde a escolha do desenho até a vivência da dor, como parte de um diálogo ampliado sobre autoestima, pertencimento e autonomia. Portanto, reconhecer a tatuagem como dispositivo terapêutico enfatiza o corpo como matriz de subjetivação, contribuindo para um cuidado mais sensível em contextos clínicos.

Mesmo inserida na lógica do consumo e da exibição, a tatuagem ainda preserva sua potência como marca do inconsciente e como forma de comunicação entre o sujeito e o Outro. Os achados mostram que ela pode ser tanto uma resposta a angústias internas quanto uma tentativa de organizar a própria identidade diante das exigências do mundo atual. Diante disso, pensar a tatuagem a partir da psicanálise permite uma compreensão mais ampla dos sentidos que ela pode carregar, especialmente em tempos marcados pela instabilidade dos laços sociais e pela exposição constante da imagem.

Apesar das contribuições significativas trazidas pelos estudos analisados, esta revisão integrativa apresenta algumas limitações importantes. Primeiramente, identificou-se uma escassez de publicações recentes sobre o tema nas bases consultadas, o que restringe a atualização do debate diante das transformações sociotécnicas contemporâneas. Além disso, a predominância de abordagens qualitativas e teóricas, ainda que ricas em reflexões, limita a generalização dos achados para outros contextos culturais e clínicos. Também se notou a ausência de estudos comparativos entre diferentes grupos populacionais, bem como a pouca exploração da interface entre tatuagem, novas tecnologias e saúde mental digital. Tais lacunas apontam para a necessidade de investigações futuras que articulem diferentes metodologias e enfoques transdisciplinares, capazes de ampliar e aprofundar o entendimento sobre o fenômeno da tatuagem como expressão do inconsciente na atualidade.

REFERÊNCIAS

- Agamben, G.** (2009). *Nudité*s. Éditions Payot & Rivages.
- Alvarez, L. E., Castro, L. G., & Lasky, C.** (2016). Tatuagens: A pele como tela de expressão cultural. *Revista Brasileira de Psicanálise e Cultura*, 10(2), 45–60. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org>
- Cordeiro, B. J. R.** (2020). Tattoo as a popular culture: A look at the work of artist Dave Paulo /

Tatuagem como cultura popular: Um olhar através do trabalho do artista Dave Paulo. *CROMA*, (16), 20+. Gale OneFile: Informe Acadêmico.

<https://link.gale.com/apps/doc/A655229570/IFME?u=anon~7617d1d2&sid=googleScholar&xid=b07274b4>

Debord, G. (2007). *A sociedade do espetáculo* (1ª ed.). Contraponto.

Frauzino, F. C., et al. (2024). Tatuagem: A arte no corpo, cura da alma. *Revista Humanidades e Inovação*, 10(20).

Frayze-Pereira, J. (2016). Corpo como obra de arte: Tatuagem, clínica e crítica. *Psicologia USP*, 27(1), 23–39. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org>

Freud, S. (2016). *Além do Princípio de Prazer*. L&PM. (Trabalho original publicado em 1920)

Freud, S. (1976). O ego e o id. In *O ego e o id, uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos* (Vol. 19, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

Gell, A. (1993). *Wrapping in images: Tattooing in Polynesia*. Clarendon Press.

Han, B. C. (2021). O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente. Vozes.

Lacan, J. (1986). *O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (J. Zahar, Ed.). Jorge Zahar.

Lima, R. M. S. (2020). *Tatuagem: História e contemporaneidade* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa). Repositório da Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/44715>

Macedo, S., Paravidini, J. L. L., & Próchno, C. C. S. C. (2014). Corpo e marca: Tatuagem como forma de subjetivação. *Revista Subjetividades*, 14(3), 9–27. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org>

Macedo, S., & Paravidini, J. L. L. (2015). O ato de tatuar-se: Gozo e identificação. *Revista Brasileira de Psicanálise Contemporânea*, 8(1), 88–105. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org>

Meilman, L. (2015). Mensagens codificadas no corpo: É possível decifrar? *Revista Estudos Interdisciplinares do Corpo*, 3(2), 14–29. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org>

Melman, C. (2003). *O homem sem gravidade: Gozar a qualquer preço*. Companhia de Freud.

Merriam-Webster. (n.d.). *Tattoo*. Merriam-Webster.com Dictionary. Recuperado em 10 de setembro de 2024, de <https://www.merriam-webster.com/dictionary/tattoo>

Merleau-Ponty, M. (2004). *O olho e o espírito: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne* (P. Neves & M. E. G. G. Pereira, Trans.). Cosac Naify.

Oliveira, R. (2016). Tatuadores, tatuados: Pesquisa e reflexão estética. *Cadernos de Psicologia Social*, 12(1), 87–102. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org>

Pereira, M. B. J., & Rabinovich, E. P. (2020). Corpos tatuados: Desejo de memória em completude. *Revista de Psicologia da UFPB*, 22(4), 103–118. Disponível em:

<https://lilacs.bvsalud.org>

Pinho, M. X., & Rosa, M. D. (2014). Luto em versão contemporânea: As tatuagens memoriais. *Revista Psicologia em Revista*, 20(1), 143–158. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org>

Ragland, E. (2023). Thinking about Lacan's jouissance. *Vestigia*, 4(1).

Rodrigues, A. A., & Caniato, A. M. P. (2014). Rupturas, experiências de choque e o elogio à crua e nua realidade: Prenúncios do trauma no fenômeno das Body Modifications. *Revista Saúde & Sociedade*, 23(3), 987–1001. Disponível em: <https://lilacs.bvsalud.org>

Schlösser, A., et al. (2019). Ideação suicida e psicopatologia em amostra brasileira de tatuados e não tatuados. *Psicologia Argumento*, 37(97), 387–397.

Situmorang, D. D. B., et al. (2024). The semicolon tattoo: A marriage between art and mental health. *Journal of Public Health*.

Ulnik, J. C. (2016). Tatuagem, linguagem artística e doença psicossomática. *Psicologia Hospitalar*, 14(1), 63–74. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org>

Winnicott, D. W. (1978). A mente e sua relação com o psique-soma. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*. Francisco Alves.

REVISTA: Psicologia Argumento

DISPONÍVEL EM: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/index>

1. CONDIÇÕES GERAIS PARA SUBMISSÃO

Originalidade e ineditismo: O texto não pode estar sendo avaliado ou publicado em outra revista.

Formato do arquivo: Microsoft Word, OpenOffice ou RTF.

URLs nas referências: Incluir sempre que possível.

Configurações do texto:

Fonte Times New Roman, tamanho 12.

Espaçamento entre linhas de 1,5.

Margens de 2,5 cm (superior, inferior, esquerda, direita).

Tamanho de papel A4.

Máximo de 6 autores.

Figuras e tabelas inseridas no próprio texto (não como anexos).

Ilustrações (figuras, gráficos, quadros e tabelas):

Máximo de 5 no total.

Em formato TIFF, com resolução mínima de 300 DPIs.

Idiomas: Português, inglês ou espanhol.

Resumo e palavras-chave: Em português, inglês e espanhol.

Referências: Pelo menos 40% devem ser dos últimos 5 anos (caso contrário, o artigo é rejeitado).

2. TIPOS DE ARTIGOS

Artigos Originais e Ensaaios Clínicos (até 30 páginas)

Baseados em pesquisa empírica, experimental ou conceitual.

Estrutura: Introdução, Materiais e Métodos, Resultados, Discussão, Conclusão e Referências.

No caso de ensaios clínicos, apresentar o registro e número correspondente no resumo.

Artigos de Revisão (até 30 páginas)

Pesquisa bibliográfica sistemática e consistente, com análise crítica e contribuição para o estado da arte.

Máximo de 5 ilustrações.

3. CARTA DE APRESENTAÇÃO (Documento Suplementar)

A Carta deve incluir todos os itens abaixo:

Nome completo, ORCID e afiliações de todos os autores, além do contato do autor correspondente.

Tipo de material (artigo original, ensaio clínico ou revisão).

Indicar se a submissão é para número de fluxo contínuo ou temático (citar qual).

Justificar a adequação do artigo à revista, destacando relevância e aspectos inovadores.

Declarar que o manuscrito é original, não publicado e não em avaliação em outro lugar.

Declarar responsabilidade integral pelo conteúdo do manuscrito.

Número do Parecer do CEP, se aplicável.

Declaração de que o artigo cumpre o requisito de ter no mínimo 40% das referências dos últimos 5 anos.

Outras informações relevantes (quando necessário).

4. ESTRUTURA DO MANUSCRITO

4.1. Folha de Rosto Identificada (Documento Suplementar)

Título em português: inicial maiúscula, restante minúsculas (exceto nomes próprios), em negrito, fonte Times 14, centralizado. Máximo de 15 palavras.

Título em inglês e espanhol: logo abaixo do título em português, em itálico, fonte Times 12, centralizado, máximo de 15 palavras.

Sugestão de título resumido: máximo de 5 palavras.

Nome completo dos autores, ORCID, afiliação, cidade, estado, país e e-mail.

4.2. Folha de Rosto sem Identificação (Arquivo Principal – Página 1)

Repetir o mesmo padrão de título (português, inglês e espanhol) e título resumido, mas sem constar nomes/autores.

4.3. Resumo, Abstract e Resumen (Página 2)

De 100 a 250 palavras, em fonte Times 11, espaçamento simples, parágrafo justificado.

Contemplar sucintamente: Introdução, Desenvolvimento, Materiais e Métodos, Resultados, Discussão, Considerações Finais.

No caso de ensaios clínicos, inserir número de registro antes dos descritores.

Palavras-chave (3 a 5), utilizando preferencialmente os Thesaurus da área de Saúde (DeCS).

4.4. Corpo do Texto (A partir da Página 3)

Espaço 1,5; fonte Times New Roman, 12.

Sugestão de seções: Introdução, Método, Resultados, Discussão, Conclusão ou Considerações Finais, Agradecimentos (opcional) e Declaração de Conflitos de Interesse (quando houver).

Agradecimentos: inserir apoios institucionais ou financeiros, e contribuições significativas que não configurem coautoria.

Declaração de conflitos de interesse: cada autor deve declarar potenciais conflitos atuais ou passados.

4.5. Referências

Máximo de 30.

Pelo menos 40% dos últimos 5

anos. Seguir APA (6ª edição).

Numeradas conforme apareçam no texto (ou listadas em ordem alfabética, conforme a revista

indicar; ambas as formas são previstas pela APA, mas a revista menciona numerá-las na ordem de aparição).

Evitar excesso de citações de si mesmo (limite de 10% do total).

4.6. Anexos

Inserir somente quando imprescindíveis à compreensão do texto.

5. CITAÇÕES NO TEXTO (APA 6ª EDIÇÃO)

Citação literal com menos de 40 palavras: entre aspas no corpo do texto, com autor, ano e página.

Citação literal com 40 ou mais palavras: em bloco próprio, sem aspas, com recuo, espaço duplo.

Citação de 2 autores: utilizar “e” no texto e “&” entre parênteses (ex.: “Silva e Araújo (2020)” ou “(Silva & Araújo, 2020)”).

Citação de 3 a 5 autores: primeira menção cita todos; subsequentes, citar somente o primeiro seguido de “et al.”.

Citação de 6 ou mais autores: usar apenas o primeiro autor + “et al.”, desde a primeira citação.

Obras antigas reeditadas: indicar o ano original e o da edição consultada (ex.: 1790/1946).

Citações secundárias: evitar ao máximo; se necessário, citar no texto o autor original e entre parênteses a fonte secundária.

6. ORCID

Todos os autores devem ter cadastro ORCID.

Link para registro: <https://orcid.org/register>

OBSERVAÇÕES FINAIS

Parágrafos de frase única devem ser evitados para não fragmentar o texto.

Objetivos do estudo: devem ser claros no início do texto.

Somente obras citadas no texto devem constar na Lista de Referências.

Artigos que não atingirem 40% de referências dos últimos 5 anos serão automaticamente rejeitados.